

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO**

Gabriela Pacheco Carniel

**PRÁTICAS ALIMENTARES DE UMA POPULAÇÃO RURAL DO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL: O CONSUMO DE FRUTAS NATIVAS COMO TEXTO
QUE COMUNICA UM MODO DE VIDA EM (RE) CONSTRUÇÃO**

**Porto Alegre
2016**

Gabriela Pacheco Carniel

**PRÁTICAS ALIMENTARES DE UMA POPULAÇÃO RURAL DO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL: O CONSUMO DE FRUTAS NATIVAS COMO TEXTO
QUE COMUNICA UM MODO DE VIDA EM (RE) CONSTRUÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nut. Eliziane Nicolodi
Francescato Ruiz

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Nut. Vanuska
Lima da Silva

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Carniel, Gabriela Pacheco
PRÁTICAS ALIMENTARES DE UMA POPULAÇÃO RURAL DO
LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL: O CONSUMO DE
FRUTAS NATIVAS COMO TEXTO QUE COMUNICA UM MODO DE
VIDA EM (RE) CONSTRUÇÃO / Gabriela Pacheco Carniel. -
- 2016.
36 f.

Orientadora: Eliziane Nicolodi Francescato Ruiz.
Coorientadora: Vanuska Lima da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS,
2016.

1. frutas nativas . 2. rural. 3. identidade. I.
Ruiz, Eliziane Nicolodi Francescato, orient. II. da
Silva, Vanuska Lima, coorient. III. Título.

Gabriela Pacheco Carniel

**PRÁTICAS ALIMENTARES DE UMA POPULAÇÃO RURAL DO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL: O CONSUMO DE FRUTAS NATIVAS COMO TEXTO
QUE COMUNICA UM MODO DE VIDA EM (RE) CONSTRUÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Nut. Ilaine Schuch - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Enf Deise Lisboa Riquinho - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Nut. Eliziane Nicolodi Francescato Ruiz – Orientadora - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar elementos que marcam a construção de identidades e pertencimentos rurais tendo como pano de fundo o consumo de frutas nativas em uma comunidade rural do litoral norte do Rio Grande do Sul que, naturalmente, tem sua paisagem composta por tal vegetação. A pesquisa foi realizada através de uma técnica de pesquisa qualitativa conhecida como grupo focal com 11 participantes da comunidade. Os participantes contaram a história da comunidade lembrando o passado, falando do presente e das perspectivas do futuro, partindo sempre das relações com as frutas nativas. As histórias das frutas se relacionam com as histórias de vida da comunidade. As espécies frutíferas nativas são um símbolo da identidade do local, da cultura e de resistência da comunidade. A fala dos interlocutores demonstra elementos como a família, o contato com a natureza e o trabalho com a terra como fatores que contribuem para a formação da identidade da comunidade rural.

Palavras-chave: frutas nativas; rural; identidade.

ABSTRACT

The objective of this study is to present elements that define the construction of rural identities and belongings, taking as a background the consumption of native fruits in a rural community of the north coast of Rio Grande do Sul, that naturally has its landscape composed of such vegetation. The research was carried out through a qualitative research technique known as focal group with 11 community participants. The participants told the history of the community, recalling the past, talking about the present and future perspectives, always starting from relationships with native fruits. Stories of fruits are related to community life stories. Native fruit species are a symbol of local identity, culture and community resistance. The speech of the interlocutors demonstrates elements such as family, contact with nature and work with the land as factors that contribute to the identity formation of the rural community.

Keywords: native fruits; rural; identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de frutas nativas citadas pelos participantes. Elencadas conforme nome científico e nome popular. Site flora digital/UFRGS.....	23
---	----

CONVENÇÕES

Os trechos em *itálico* no texto representam falas, palavras e expressões dos informantes da pesquisa, ou, algum termo em idioma estrangeiro. As aspas foram usadas para apresentar conceitos e citações trazidas da bibliografia consultada ou destacar termos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 O meio rural	11
2.2 Identidade alimentar e comida como meio de comunicação	12
2.3 Frutas nativas da região Sul: sociobiodiversidade em destaque	13
3 OBJETIVOS	15
3.1 Objetivo Geral	15
3.2 Objetivo específicos	15
REFERÊNCIAS	16
5 ARTIGO CIENTÍFICO	18
5.1 NORMAS DA REVISTA	32

1 INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho ocorre na área conhecida como Fortaleza, parte rural da cidade de Cidreira. O estímulo para a pesquisa com o tema aqui apresentado foi a ligação que a minha família tem com a localidade, sendo moradores de Cidreira e também possuindo residência na localidade rural da Fortaleza, onde dividem diariamente seu tempo entre o rural e o urbano. O presente trabalho parte do anseio por conhecer e dar visibilidade aos elementos que marcam a construção de identidades e pertencimentos rurais tendo como pano de fundo o consumo de frutas nativas nesta comunidade que, naturalmente, tem sua paisagem composta por tal vegetação.

Maciel (2005) sugere que na alimentação humana, natureza e cultura se encontram, sendo assim, utilizo as frutas nativas para falar de cultura, identidade e pertencimento, já que esse alimento fez parte da vida dessa comunidade. Ao conversar com as pessoas que lá vivem percebia que as frutas nativas trazem boas lembranças e histórias de vidas de uma riqueza imensa. Atualmente essas frutas não estão tão presentes na vida dessa população e a relação que se tem com elas é diferente do passado, hoje é um olhar de preservação, resgate da cultura, cuidado com a natureza.

Juntamente com motivos citados, também levo em conta a globalização da alimentação, as dietas simplificadas e ricas em açúcares e gordura. Entendo que consumir frutas nativas é, como sugere Silva et.al. (2015)^a, promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade e uma alternativa para melhorar a segurança alimentar e a nutrição humana por meio da valorização da importância alimentícia e nutricional das espécies nativas relacionadas à agrobiodiversidade e do resgate do valor cultural desempenhado no passado por muitas dessas espécies. Sendo assim, esse trabalho utiliza o uso das frutas nativas para contar a história do passado, presente e as perspectiva do futuro de uma comunidade rural.

^aSILVA, Vanuska Lima et.al. **Análise da Composição Nutricional de Frutos de Plantas Nativas da Região Sul do Brasil e formulação de receitas.** Em fase de elaboração.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O meio rural

O meio rural brasileiro vem sofrendo um declínio populacional relativo e absoluto, os movimentos migratórios respondem pelo processo de esvaziamento da população rural. A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados entre 1950 e 1998: a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. São cada vez mais os jovens que vêm deixando o meio rural. (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999). A área rural não apresenta atrativos para a permanência dos jovens no campo, conseqüentemente a população que fica no campo encontra-se na faixa etária acima de 40 anos. Neste contexto, a aposentadoria torna-se uma estratégia para a reprodução social da agricultura familiar (GODOY, 2010). Como mostra Carvalho (2009) as propriedades da agricultura familiar são, na grande maioria, pequenas e os produtores não recebem assistência técnica, o que acarreta uma renda, muitas vezes, baixa para o produtor por parte dessas atividades. Em grande parte, a renda da produção rural é complementada com auxílios do governo, aposentadorias ou benefícios do INSS.

Porém, este mundo rural, mesmo em mudanças, mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (WANDERLEY, 2001). Hoje em dia, o meio rural não seria apenas o lugar da produção agrícola, mas também um espaço diferenciado, capaz, inclusive, de oferecer à população urbana, padrões de residência específicos e formas de lazer ligadas ao contato com a natureza. Esta tendência é, evidentemente, mais forte nas regiões mais urbanizadas do nosso País, particularmente no Sudeste e no Sul (WANDERLEY, 2001).

2.2 Identidade alimentar e comida como meio de comunicação

Cresce a cada dia a população rural que procura lazer e a ligação com a natureza no meio rural, o estilo de vida dessas pessoas é particular assim como a forma de se alimentar. Dessa forma, falar da alimentação é também falar das pessoas. A alimentação é um símbolo de uma identidade e dificilmente outro comportamento atrai tão rapidamente a atenção de um estranho como a maneira que se come: o quê, onde, como e com que frequência comemos, e como nos sentimos em relação à comida expressa um modo de vida. O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social. Reagimos aos hábitos alimentares de outras pessoas da mesma forma que elas reagem aos nossos (MINTZ, 2001).

A comida exerce um papel fundamental para se pensar a trajetória das mais distintas sociedades. Ao longo da história, ela esteve relacionada a diferentes transformações de ordem social, cultural, política e econômica, revelando-se como um dos instrumentos para se compreender algumas questões que permeiam a própria condição humana (ROCHA, 2010). A comida é um elemento-chave para se pensar a questão das identidades. O ato de comer envolve uma vasta gama de fatores, atravessados por critérios econômicos, nutricionais, políticos, éticos, religiosos, ambientais e estéticos. No panorama atual, vivenciamos aceleradas mudanças em nível planetário nos mais diversos campos, incluindo a esfera alimentar. Neste contexto de mudanças, a questão das identidades também ganha novos contornos, definido a partir de um processo de reconfiguração (ROCHA, 2010).

A comida é fundamental para a satisfação das necessidades biológicas (CRUZ; MATTE; SCHNEIDER, 2016), por isso é uma ação cotidiana e frequente. De forma geral as pessoas comem diariamente e em vários momentos, e muitas das suas atividades durante o dia são realizadas em função da alimentação ou para garanti-la (CONTRERAS; GRACIA, 2011). Entretanto, alimentos também possuem um significado cultural que não só produz identidades sociais como também caracteriza estilo de vida (CRUZ; MATTE; SCHNEIDER, 2016).

É possível dizer que a relação entre comida e identidade está inserida em um amplo universo. Num mundo cada vez mais globalizado, essa relação vai ganhando

novos contornos; evidencia-se uma redefinição na oferta e consumo de alimentos, alinhada com um amplo desenvolvimento da indústria alimentar. Deste modo, há uma reconfiguração da noção de identidade, por meio de um processo dinâmico, caracterizado pela fluidez e mobilidade (ROCHA, 2010), mas também por permanências. Em um contexto em que observamos crescente desconfiança da origem dos alimentos, os produtos alimentares tradicionais tornam-se fundamentais para identificação da origem e manutenção da cultura (SANTOS; MENASCHE, 2015).“O alimento pode ser considerado um eixo central na estruturação identitária dos diversos povos” (ROCHA, 2010, p.02)

Além de suprir as necessidades biológicas, a comida pode ser um importante meio para a comunicação de valores, sentidos e identidades. Neste contexto, assim como um elemento-chave para a constituição de identidades, a comida pode ser pensada como um meio de comunicação (ROCHA, 2010). A comunicação por meio da comida também é marcada por múltiplos aspectos. Destaca-se aí a relevância dos hábitos alimentares, uma vez que eles podem revelar nossa identidade, religião, posição social, posicionamento político, entre outros. A produção de sentidos relacionada à comida também é estendida à maneira como ela é consumida: se é consumida com as mãos ou se são utilizados talheres, se é solitária ou em grupo, em silêncio ou assistindo televisão, num restaurante ou em casa (ROCHA, 2010).

Conforme Rocha (2010), é certo que o ato de comer vai além das necessidades biológicas. É um ato que se estende a um universo bem mais amplo, o da produção de sentidos e da possibilidade de comunicar identidades e valores. Assim, a comida pode ser apreendida como um meio de comunicação.

2.3 Frutas nativas da região Sul: sociobiodiversidade em destaque

As frutas nativas, além da sua rica composição nutricional e serem boas para comer, justamente por serem autóctones do lugar, também servem para pensar a realidade desta população. Elas entram como o meio de comunicação e é através delas que se pode contar histórias dos lugares.

Biodiversidade refere-se à multiplicidade de vida existente no planeta terra, o Brasil é considerado um dos países mega diversos mais importantes do planeta, possuindo a mais diversa flora do mundo e também a mais alta taxa de endemismo (espécies que ocorrem exclusivamente em uma determinada região geográfica). A Região Sul do Brasil é detentora de grande biodiversidade vegetal devido à sua privilegiada amplitude de clima e relevo. As plantas nativas – que inclui o conjunto das frutas nativas - são um grupo de espécies alimentícias que está dentro dessa variedade biológica e que tem grande potencial ainda não muito conhecido e sua utilização tem sido muito negligenciada. A maior parte de nossas atividades agrícolas está, ainda, baseada em espécies exóticas. O uso sustentável de espécies nativas possui valores ecológico, genético, social, econômico, científico, educacional, cultural e estético, além de seu valor intrínseco, que é de suma importância para a manutenção dos serviços ambientais, responsáveis pela sadia qualidade de vida (BRASIL, 2011).

Atualmente, as questões relacionadas a saúde são preocupantes, uma das justificativas é a crescente ingestão de comida rica em calorias e gorduras, vinculadas à dieta afluenta ou ainda aos riscos causados pela contaminação de alimentos por agrotóxicos e aditivos alimentares (CRUZ; MATTE; SCHNEIDER, 2016). Podemos confirmar essas questões relacionadas à alimentação na fala de Santos e Menasche (2015, p.15).

A expansão da indústria alimentar proporcionou mudanças substanciais, não apenas nos tipos de alimento que temos disponíveis, mas também em nossa relação com eles. As grandes superfícies e redes distribuidoras de alimentos, que constituem importante forma de abastecimento na contemporaneidade, ofertam toda espécie de produtos, em boa medida higienizados, processados e prontos para o consumo. É possível consumir quase todos os alimentos pelos quais se possa pagar, mas nem sempre é possível identificar de onde esses produtos vêm, como são produzidos e/ou quais riscos podem apresentar à saúde.

As soluções alternativas para aprimorar o sistema alimentar, incorporando saúde humana, justiça social e saúde do ecossistema envolvem a disseminação de práticas agrícolas de base ecológicas mais sustentáveis, desenvolvimento de formas mais eficazes e baratas de acesso aos alimentos locais, ampliação e melhorias dos canais de comercialização até um papel mais proativo e atuante dos consumidores. De maneira geral, são iniciativas que visam construir circuitos alimentares curtos ou redes agroalimentares que busquem tanto reconectar consumidores e produtores

de alimentos como (re) valorizar produtos regionais, sazonalidade e procedência de alimentos. Dessa forma, as alternativas de produção de espécies nativas protegem o meio ambiente, são opções de comercialização da agricultura familiar, uma nova forma de geração de renda, assim como podem contribuir para melhorar a segurança alimentar e a nutrição humana (CRUZ; MATTE; SCHNEIDER, 2016; SILVA et al, 2015; BRASIL, 2011).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é conhecer, a partir do consumo de frutas nativas, como se constrói a identidade e a cultura de uma localidade rural do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

3.2 Objetivo específicos

- a) Identificar as frutas nativas que existiam e existem na localidade;
- b) Identificar as práticas alimentares em torno das frutas nativas (como se produz, se come, onde e com quem se come), no passado, como é hoje e quais as perspectivas para o futuro.
- c) Analisar as histórias de famílias da localidade rural.

REFERÊNCIAS

- MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e alimentação. In CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez; orgs. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection.
- SILVA, Vanuska Lima et.al. **Análise da Composição Nutricional de Frutos de Plantas Nativas da Região Sul do Brasil e formulação de receitas**. Em fase de elaboração. Porto Alegre, 2015.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos cinquenta anos. Revista Brasileira de Estudos da População, Rio de Janeiro, 1999.
- GODOY, CRISTIANE MARIA TONETTO et al. **Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural**: a realidade do município de Santa Rosa/RS. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Campo Grande, 2010.
- CARVALHO, Daniela Moreira et al. **Perspectivas dos jovens rurais** : campo versus cidade. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 2009.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, Norma. **¿UNA NUEVA RURALIDAD EN AMÉRICA LATINA?** Buenos Aires, 2001. Cap 2, p.31 – 44.
- MINTZ, Sidney W. **COMIDA E ANTROPOLOGIA**: Uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 16. Nº.47. p. 31. 2001.
- ROCHA, Carla Pires Vieira. **Comida, Identidade e Comunicação**: a comida como eixo estruturador de identidades e meio de comunicação. Biblioteca online de Ciências e Comunicação, 2010.
- CRUZ, Fabiana Thomé; MATTE, Alessandra; SCHNEIDER, Sergio; orgs. **Produção, consumo e abastecimento de alimentos**: desafios e novas estratégias. Editora da UFRGS. Vol. 1. Porto Alegre, 2016.
- CONTRERAS, Jesus; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Jaqueline Sgarbi; MENASCHE, Renata. **Valorização de produtos alimentares tradicionais**: os usos das indicações geográficas no contexto brasileiros. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 12(75), p. 11-31. Colômbia, 2015.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial**: plantas para o Futuro - Região Sul. Brasília/DF, 2011.

5 ARTIGO CIENTÍFICO

PRÁTICAS ALIMENTARES DE UMA POPULAÇÃO RURAL DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL: O CONSUMO DE FRUTAS NATIVAS COMO TEXTO QUE COMUNICA UM MODO DE VIDA EM (RE) CONSTRUÇÃO

Food practices of a rural population of the north coast of Rio Grande do Sul: the consumption of native fruit as a text that communicates a way of life in (re)construction

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar elementos que marcam a construção de identidades e pertencimentos rurais tendo como pano de fundo o consumo de frutas nativas em uma comunidade rural do litoral norte do Rio Grande do Sul que, naturalmente, tem sua paisagem composta por tal vegetação. A pesquisa foi realizada através de uma técnica de pesquisa qualitativa conhecida como grupo focal com 11 participantes da comunidade. Os participantes contaram a história da comunidade lembrando o passado, falando do presente e das perspectivas do futuro, partindo sempre das relações com as frutas nativas. As histórias das frutas se relacionam com as histórias de vida da comunidade. As espécies frutíferas nativas são um símbolo da identidade do local, da cultura e de resistência da comunidade. A fala dos interlocutores demonstra elementos como a família, o contato com a natureza e o trabalho com a terra como fatores que contribuem para a formação da identidade da comunidade rural.

Palavras-chave: frutas nativas; rural; identidade.

ABSTRACT

The objective of this study is to present elements that define the construction of rural identities and belongings, taking as a background the consumption of native fruits in a rural community of the north coast of Rio Grande do Sul, that naturally has its landscape composed of such vegetation. The research was carried out through a qualitative research technique known as focal group with 11 community participants. The participants told the history of the community, recalling the past, talking about the present and future perspectives, always starting from relationships with native fruits. Stories of fruits are related to community life stories. Native fruit species are a symbol of local identity, culture and community resistance. The speech of the interlocutors demonstrates elements such as family, contact with nature and work with the land as factors that contribute to the identity formation of the rural community.

Keywords: native fruits; rural; identity.

INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho parte do anseio por conhecer e dar visibilidade aos elementos que marcam a construção de identidades e pertencimentos rurais tendo como pano de fundo o consumo de frutas nativas em comunidades que, naturalmente, teriam sua paisagem composta por tal vegetação. Como sugere Wanderley¹ o mundo rural mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba. Também é particular a forma de se alimentar dessa população, lembrando que a alimentação é

um símbolo de uma identidade, atribuída e reivindicada, por meio da qual os homens podem se orientar e se distinguir ².

Em se tratando do consumo de alimentos, vale destacar que mais do que hábitos e comportamentos alimentares, o alimento implica formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida que se quer particularizar a um determinado grupo². Assim, o que é ingerido serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social. Na alimentação humana, natureza e cultura se encontram, pois, sendo comer uma necessidade vital, o quê, quando e com quem comer são aspectos que fazem parte de um sistema que implica atribuições de significados ao ato alimentar. Assim, estando a alimentação humana impregnada pela cultura, é possível pensar os sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza².

Nesse sentido, sabendo que a comida é uma forma de comunicação, assim como a fala, e que pode também contar histórias ³, parto deste princípio e utilizo a comida, mais especificamente as frutas nativas, seus usos e preparações, para perguntar e contar sobre ruralidades, mais especificamente de um espaço do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: Qual a história, o modo de viver e valores a serem preservados pelos moradores do distrito da Fortaleza, área rural da cidade de Cidreira, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul?

O meio rural mudou muito nos últimos anos, principalmente pelo seu esvaziamento. No caso do Rio Grande do Sul, o movimento migratório foi provocado pelo deslocamento da população em busca de melhores condições de vida, decorrente da transformação experimentada pelo Estado na sua atividade agrícola, a qual foi influenciada pela introdução massiva da mecanização no campo devido especialmente aos cultivos de soja e arroz ⁴. O meio rural nos dias atuais não apresentaria atrativos para a permanência dos jovens no campo. Os indicadores mostram que cada vez mais os jovens estão trocando o campo pela cidade, causando desafios para a continuidade da agricultura de base familiar e a falta de mão de obra nessas localidades. Como consequência, temos o envelhecimento do meio rural⁵. Isso já é visto na localidade rural Fortaleza, onde a maioria da população é formada por idosos aposentados que não utilizam o trabalho com a terra como

forma de geração de renda. A agricultura é apenas para consumo próprio e escambo entre vizinhos, diferentemente do passado, quando a agricultura era principal fonte de renda da localidade.

Segundo o Guia Alimentar Para a População Brasileira⁶ a alimentação deve levar em conta o impacto das formas de produção e distribuição dos alimentos sobre a justiça social e a integridade do ambiente. A depender de suas características, o sistema de produção e distribuição dos alimentos pode promover justiça social e proteger o ambiente; ou, ao contrário, gerar desigualdades sociais e ameaças aos recursos naturais e à biodiversidade. A situação de dependência em poucas espécies vegetais para obtenção de alimentos de origem vegetal gera, entre outras, grande insegurança alimentar. Para diminuir essa vulnerabilidade, os parentes silvestres de plantas cultivadas, bem como as variedades crioulas, desempenham papel de extrema relevância⁷. Fazer uso das espécies frutíferas nativas melhora a segurança alimentar e a nutrição humana, por meio da valorização da importância alimentícia e nutricional das espécies nativas relacionadas à agrobiodiversidade e do resgate do valor cultural⁸. Como sugere Pesce⁹, a grande quantidade de espécies silvestres semidomesticadas comestíveis representam as inúmeras possibilidades que teríamos em nos alimentar de forma autônoma, socioculturalmente sustentável e nutritivamente adequada.

Diante do exposto destaca-se que o presente trabalho teve como objetivo conhecer, a partir das práticas alimentares em torno das frutas nativas, como se constitui a identidade social dos moradores do distrito da Fortaleza, área rural da cidade de Cidreira, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Falar sobre identidade não é uma tarefa simples na concepção de Bauman¹⁰. Na constituição da identidade, as pessoas estão expostas a uma série de princípios e, por isso, em constante construção e invenção de pertencimentos. Adotando-se a ideia de que as referências que identificam os sujeitos, são construídas cotidianamente em defesa de seu (re)conhecimento e (sobre)vivência coletiva em uma sociedade mais ampla e em mudança, parte-se do pressuposto que a identidade não é estática, mas em constante e contínua transformação¹⁰. Esse processo de transformação se fortalece pelo fato do ser humano ser portador de uma cultura e estar ligado a outros seres humanos em coletividade partilhando dessa cultura.

O texto, incluindo esta introdução, será composto, em primeiro lugar, pelo relato do caminho metodológico empreendido para gerar os dados, os participantes do estudo, o uso de técnicas e instrumentos de pesquisa e, em seguida, pela apresentação e discussão dos dados, em que se discute o modo de vida das pessoas da Fortaleza, destacando-se, a partir do consumo das frutas nativas, o passado e o presente de um pertencimento que não é estático, mas fruto das continuidades de um passado e das transformações do presente. Por fim, nas considerações finais apresenta-se, reflexões e desdobramentos que emergiram do tema, da possível continuidade deste projeto no futuro e do trajeto percorrido na pesquisa.

CAMINHO METODOLÓGICO

Os dados foram obtidos por meio de metodologia qualitativa de pesquisa. A partir da abertura desta proposta para focar o contexto e incluir o universo de significados, motivos, crenças, valores e perspectivas dos sujeitos, é permitido melhor captar, descrever, interpretar e compreender os fenômenos sociais na sua densidade não só como produto, mas principalmente como processo, como construção que é dinâmica e multifacetada^{11, 12}.

Enquanto técnica para coleta dos dados utilizou-se o Grupo Focal (GF). Morgan¹³ descreve grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa que reúne informações por meio das interações grupais. Essa, talvez, seja a principal contribuição que esta técnica poderia oferecer ao estudo, pois ao fornecer declarações e relatos sobre experiências não apenas individuais mas em um contexto interacional, ela oferece elementos para se analisar um pertencimento e identidade que, para além de singular é também uma construção social que se dá na interação, relação entre os sujeitos. Os recursos utilizados para a realização do grupo seguiram as orientações de Trad¹⁴.

Participaram do GF 11 sujeitos (4 homens e 7 mulheres, com idades entre 29 e 81 anos) integrantes da Associação Rural da localidade Fortaleza – AGROCID. Esse número é perfil dos participantes do GF possibilitou, como sugere Pizzol¹⁵, a participação de forma efetiva de todos, a discussão detalhada dos temas propostos

para o encontro, bem como os relatos dos mais velhos sobre a história da localidade e as vivências dos mais jovens em torno da identidade local. O grupo focal ocorreu no dia 15 de novembro de 2016, teve duração de uma hora e quarenta minutos e foi coordenado por uma das autoras, com o apoio das demais, seguindo um roteiro pré-estabelecido que questões que diziam respeito ao passado, presente e previsão para o futuro, relacionando o consumo das frutas nativas com o modo de vida daquela população nestes três tempos. Os participantes foram dispostos em cadeiras arrumadas de forma circular e próximo a roda foi preparada uma mesa com frutas nativas da região e imagens trazidas pelos participantes e pelas autoras que, em alguma medida, foram elementos disparadores de histórias e relatos no grupo. Com a permissão dos participantes, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, a entrevista foi gravada e fotografias foram tiradas. As falas dos participantes foram transcritas, permitindo a avaliação qualitativa dos dados obtidos no processo grupal. Os nomes das pessoas foram substituídos por nomes fictícios preservando assim a identidade dos participantes.

A análise dos dados ocorreu a partir da Análise Tematizada de Conteúdo proposta por Minayo¹¹. Operacionalmente, desdobrou-se nas seguintes etapas; a) pré-análise: momento em que ocorreu a leitura flutuante, constituição dos corpus, formulação e reformulação de pressupostos do estudo. Ou seja, foi o momento da imersão no material de campo, possibilitando a construção da relação entre os pressupostos iniciais, os emergentes e as bases conceituais/teóricas relacionadas ao tema.; b) exploração do material: é o momento em que buscou-se encontrar as categorias relevantes e responsáveis pela especificação do tema, ou seja, expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala se organiza; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nesta fase foram realizadas as inferências e interpretações, inter-relacionando-as com o quadro das referências conceituais/bibliográficas iniciais e, em alguns, com outras referências que foram buscadas e emergiram a partir de novas demandas do empírico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da categorização das informações e fazendo um paralelo entre o consumo das frutas e vida da comunidade rural, foi possível organizar o texto em pelo menos dois eixos: **o ontem e o hoje**.

O ontem: um lugar com variedades de frutas nativas, diversas famílias e uma comunidade

Quando perguntado ao grupo que frutas nativas, tais como aquelas das imagens que estavam sobre a mesa, haviam no lugar e eram consumidas, os relatos foram de que, no passado, existia uma grande variedade de frutas. Muitas delas foram citadas, como, por exemplo, araçá, pitanga, butiá, guabiroba, banana-do-mato, maracujá-do-mato, tuná, arumbeva, tucum, bacupari, ingá, coquinho do mato, baleeira, melãozinho (quadro 1). Todas de fato nativas, do lugar, sendo encontradas no *mato*, na “*restinga*”, nos caminhos que as pessoas circulavam, como denotam as falas a seguir.

[...] mas a gente ia mais era no mato comer coquinho, araçá e pitanga. Num tempo a gente juntava uma turma e andava pelo mato. Ainda levava uns vasilhinhos e uns sacos pra trazer cheio de araçá (Berenice).

Eu ia de a pé para o colégio aqui, quando ia daqui pra lá chegava tarde em casa, essa guabiroba do campo a gente ia comendo, maçã do campo, araçá também, ia comendo até chegar em casa, chegava tarde (Sebastião).

Quadro 1: Lista de frutas nativas citadas pelos participantes. Elencadas conforme nome científico e nome popular. Site flora digital/UFRGS*.

Nome Científico	Nome(s) popular(es)
1. <i>Bactris setosa</i> Mart.	Tucum
2. <i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Banana-do-mato, banana de gravatá.
3. <i>Butia catarinensis</i> Noblick & Lorenzi.	Butiá-da-praia.
4. <i>Butia eriospatha</i> (Mart. ex Drude) Becc.	Butiá-da-serra.
5. <i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg.	Guabiroba, guaviroba.

6. <i>Cereus hildmannianus</i> K. Schum.	Tuná
7. <i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi.	Bacupari, bacopari
8. <i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga
9. <i>Momordica charantia</i> L.	Melãozinho, melão são Caetano
10. <i>Opuntia elata</i> Salm-Dyck.	Arumbeva, arumbeba.
11. <i>ingá vera</i> Willd.	Ingá, ingá-banana
12. <i>Passiflora actinia</i> Hook.	Maracujá-do-mato.
13. <i>Psidium cattleianum</i> Sabine.	Araçá, araçá-amarelo.
14. <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	Coquinho do mato, Jerivá.
15. <i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Baleeira

*<http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/>

Importante destacar que, as falas da existência das frutas, trazem consigo também a existência do lugar que, comum entre as pessoas e famílias e sem “cercado”, como aparece na fala a seguir, formava uma unidade, formava o lugar-rural onde se compartilhava um modo de vida que os ligava uns aos outros.

Não havia cercado, a gente vinha lá de cidreira e ia até rancho velho assim, sem encontrar cerca [...]. E existia as restingas que tinha as frutas nativas [...] então ali tinha varias restingas e tinha araçá, tucum (Francisco).

Junto com as frutas, que eram várias, apareceram as lembranças e histórias das pessoas, das várias famílias que constituíam a localidade e eram por ela constituídas. A aproximadamente 30-40 anos atrás, a vida dos jovens e famílias, até mesmo nos finais de semana, era intensa “no” lugar, “no campo”, junto das pessoas, da natureza e dos animais.

A nossa diversão aqui no campo no domingo, na sexta - feira a gente tinha aula e já combinava com os colegas de domingo ir comer araçá, comer pitanga lá no banhado perto do Francisco, ou lá na Marta que era comer araçá, se empoleirava de dois em dois no cavalo e passava a tarde comendo (Maristela).

Lembrança, hoje o que eu mais recordo é o que a gente tem saudade daquele grupo de 20 poucas colegas, amigos, primos que iam. A gente se reunia no domingo pra comer a fruta, a gente ia ate o banhado, passava a tarde no banhado (Maristela).

É no passado desse lugar, que também foi construída a base da identidade do grupo, de agricultores, de “quitandeiros”^b, que junto do trabalho com a terra e compartilhado com a família e vizinhança, produziam e vendiam verduras e com elas mantinham seu sustento material e social. No passado, eram os *quitandeiros* que abasteciam o comércio local e as famílias que veraneavam no litoral, como retratam as falas a seguir.

Era assim, não tinha a estrada, então não se ia na Ceasa buscar verdura. A verdura que os veranistas conseguiam era tudo produzido aqui. O meu pai, o pai da Berenice, o pai da Paula era outra coisa era leite e carne, abastecia Cidreira, [...] chamávamos de quitandeiros, então saiam daqui as 2h da madrugada e chegavam lá na praia as 5h mais ou menos, e saiam de carreta, distribuindo assim, e o pessoal chegava nas carretas pra comprar (Francisco).

[...] Voltando ai as verduras, então o meu pai criou os 3 filhos e pagou meus estudos, que eu me formei professora em Osório, estudando em Osório, com o dinheiro da verdura, vendendo lá em Cidreira, vendia esses 3 meses as verduras lá e era para resto do ano [...] (Cláudia).

No passado, a ligação com os grandes centros e seus valores não ocorria facilmente pela ligação por estradas, mas pelas pessoas que circulavam pelo litoral vindas de outros lugares. Por esse motivo, apreende-se que a identidade do lugar foi também construída em interação com os outros, da(s) cidade(s). Essa identidade foi sendo construída não como um continuum da vida na cidade. Na interface com o de “fora”, aparece preservados valores de uma “*comunidade*”, como demonstra um dos nossos interlocutores na transcrição a seguir. Junto aos valores como a família, o cuidado com a terra, com a comunidade/lugar, aparecem a busca pelo estudo.

Fui criado desde “pequeninho” na chácara ali, com bastante fartura e assim nós tinha uma comunidade, muitas famílias moravam aqui neste lugar e depois eles foram saindo daqui para estudar fora, casaram e foram embora morar assim, mas ainda assim mesmo nós ficamos tudo aqui e ainda temos uma família conservando nosso lugar, lidando com a natureza, plantando, cuidando e conservando esse nosso lugar (Bento).

Partindo-se da concepção de que falar do lugar, das lembranças quando havia muitas frutas é falar também de pessoas, apreende-se que, quando os informantes exaltam as características desse rural, eles estão lançando as suas qualidades, isto é, aquilo que os faz, mesmo indo “estudar fora” serem, também, singulares enquanto grupo social. Portanto, quando se faz referência às

^b Quitandeiro, foi o termo utilizado no grupo focal para falar do trabalho dos pais e avós, que plantavam hortaliças e abasteciam, como ambulantes, os estabelecimentos e famílias do litoral do Rio Grande Do Sul, em uma época que não havia as centrais de abastecimento.

características lançadas pelos interlocutores significa discorrer sobre a identidade do grupo, uma identidade que se pode denominar de camponesa, partindo-se de uma perspectiva cultural, da qual os autores Woortmann¹⁶ e Sabourin¹⁷ são adeptos e da qual destacam-se elementos com a família e o trabalho com a terra enquanto sustentáculos da vida em comum.

Os relatos supracitados fazem com que se apreenda o lugar em seu aspecto espacial lá do passado (e do presente como se verá mais adiante), mas, também, como uma coextensão das pessoas e do seu modo de viver singular. É no lugar que acontece o mundo do vivido. É no lugar que se suspende a vida, como discute¹⁸.

Cabe, por fim, sublinhar, que ao se destacar os componentes das paisagens do passado, tal como as frutas nativas, os caminhos, as restingas e os matos onde elas existiam, também se despertou uma memória coletiva do passado capaz de reconstruir e dar visibilidade ao espírito do lugar, ao espírito de uma grupalidade e, o mais importante, à possibilidade de reconstruir um futuro diante das crises (econômicas, sociais, culturais e ambientais) de um modelo produtivista na agricultura. Como discute Carneiro¹⁹, um grupo que não tem memória de seu passado tem também dificuldades de recriar e desdobrar a imaginação de seu futuro.

No hoje resistindo: menos frutas, menos famílias, mas a *Fortaleza* permanece em (re)construção

A fala de um dos participantes do GF, na transcrição que trouxemos na seção anterior, ilustra o fato de muitas famílias terem saído do lugar para estudar, terem casado e ir morar na cidade ou até mesmo em outros lugares. As famílias, assim como as frutas nativas, foram diminuindo ao longo do tempo, poucas ficaram residindo permanentemente no lugar, mantendo a comunidade. Para se sustentar no presente, a natureza, assim como a comunidade, vem pedindo socorro, como relata Sebastião.

O araçá quando eu era mais novo lá na minha chácara, começava ali na Marta o mato e a lagoa lá, o araçá tu apanhava um balde, dois balde, era

fácil. Hoje não tem quase, tem os pés, mas não tem as frutas, a natureza está pedindo socorro (Sebastião).

No entanto, é importante destacar que, a comunidade rural busca e tem encontrado formas de resistir, de continuar a existir. A *Fortaleza* continua protegendo o espírito de grupo, a natureza e a sociobiodiversidade, como discutiremos nessa seção. As pessoas saíram, algumas permaneceram parcialmente residindo nos finais de semana, mas hoje, até mesmo as mais jovens, estão fazendo movimentos de retorno. A resistência/permanência aparece quando as pessoas dizem que saem do lugar, mas o lugar não saiu delas e, assim, a identidade da *Fortaleza* vai sendo defendida.

Nasci e me criei aqui, em oitenta fui pra Cidreira para dar estudo para os filhos, por que aqui não tinha, era só terceira série, me obriguei a me mudar para lá, para Cidreira. Mas tenho minha chácara aqui, amo esse lugar aqui, que eu nasci e me criei aqui, amo essa terra, então estou lá em Cidreira, mas fim de semana eu venho para a minha chácara aqui (Berenice).

Mas ao sair de Cidreira a Cidreira, a Fortaleza nunca saiu de nós, sempre nos acompanhou. E foi muito bom essas andanças, mas as horas mais felizes foram aquelas de voltar (Francisco).

[...]Na verdade, que nem diz a tia, o coração é daqui, a gente adora estar aqui, é uma paz que traz pra gente, o lugar é maravilhoso, então eu tenho satisfação de dizer que eu sou daqui por que eu amo estar aqui (Carolina)

Algumas famílias que ficaram e, principalmente as que saíram e agora fazem movimentos de retorno, retornam diferentes. A identidade, assim, resiste, contudo não é estática, passiva frente aos movimentos da sociedade em que se insere. Mas, como defende Carneiro¹⁹, há adaptação às novas dinâmicas da sociedade mais ampla sem, contudo, abrir mão de valores e visões de mundo característicos do lugar.

Aparece junto dos valores, da tradição, do pertencimento, discursos que marcam um modo de vida dinâmico em constante (re)construção. Um modo de vida que valoriza o trabalho com a terra, o cuidado com a família –com a comunidade –, mas também o conhecimento de dentro e que o contato com o de fora podem trazer, como aqueles relacionados ao meio ambiente, a saúde e a comida, como destacamos nas falas a seguir.

Mas o bacupari eu tive lendo qualquer coisa na internet que ele tem uma propriedade anticancerígena. Assim por excelência, diz que a frutinha que tinha mais esse teor é goji Berry nos Estados Unidos e ai eles descobriram o bacupari aqui que tem assim 3 vezes mais esse teor. Eu me entusiasmei muito com ele, então esse ano eu fui lá na casa do Sebastião e peguei o

bacupari, bastante semente, vou plantar agora, toda a área, e na Berenice, eu descobri que no pátio da Berenice tem uma frondosa árvore de bacupari, tão grande (Francisco).

Hoje eu aprendi diferente além de comer no pé que nem passarinho que gosta de comer no pé, eu uso a fruta no sorvete, descobri que a pitanga da pra fazer sorvete de pitanga que é uma delícia, na cuca, tu pode botar na cuca o cremezinho da pitanga, do araçá, aquele antes da farofa (Maristela).

O lugar Fortaleza aparece não somente como espaço produtivo dos antigos *quitandeiros*, que utilizavam a terra para plantar, vender e manter a reprodução material e social. Fortaleza é também lugar de vida, de cuidado de si e do ambiente, possivelmente mais valorizado que antes como tal, como aparece ao se falar das frutas: “*Hoje nós estamos dando mais valor a nossas frutas, né?*”(Maristela). Valorizado pois é tempo de resistir, é preciso valorizar como espaço de vidas para não sucumbir no meio de monocultivos, como de pinus, que estão transformando a paisagem do entorno, sua fauna, flora e empurrando as pessoas para fora, como se percebe.

O que eu lembrei agora em razão de, não sei talvez, por ter se terminado essas frutas, por que antes era tudo mato e depois com essas plantaço de pinus, foram tudo sendo desmatado pra plantar pinus por todos os lados [...] (Cecília).

E outra coisa, como eu disse era tudo aberto, agora é tudo fechado, tudo são propriedades fechadas, então não é assim da gente se juntar uma turma e ir lá, tem que pedir licença, para entrar lá e ir comer, não é como antes que era tudo aberto, que juntava turma, né? (Francisco)

Do ponto de vista gramatical no seu sentido estrito, a palavra “Fortaleza” pode significar “fortificação”, “solidez”, “segurança”, “lugar bem defendido”²⁰. Algo importante de se destacar é que esse é também o significado que esse espaço rural tem para as pessoas. “Fortaleza” é o nome da localidade e é igualmente a relação que seus moradores têm com o lugar. Hoje, valorizar práticas, proteger as frutas, manter as *chácaras* e plantações, mesmo que não seja para vender em proporções grandes, como faziam os *quitandeiros* do passado, é também defender o lugar, proteger uma identidade rural, um pertencimento.

O pessoal que ficou aqui fora nas chácaras, que são saudosistas, eu, a Berenice, a Paula..., nós ficamos aqui, mas nós plantamos verduras mais para sobrevivência, alimentar os próprios animais. Praticamente a gente não vende mais como a gente vendia aqueles produtos (Francisco).

Enfim, uma análise possível de ser realizada é que esse rural, assim como tantos outros, é um espaço dinâmico, pluriativo, não somente de produção agrícola e que, não se opõe ao urbano, não o nega, se conecta a ele, como discute Wanderely

(2001). As pessoas (que lá vivem ou que moram na cidade e têm usado o lugar nos finais de semana) falam em cuidar das frutas, e assim do lugar, para não deixar acabar um modo de vida e um espaço que mantém uma paisagem, um patrimônio vegetal, social e capaz de, no presente e no futuro, promover e ser o sustentáculo de práticas alimentares mais saudáveis e diversas para o campo e para a cidade.

E agora a gente tá vendo o quanto está se acabando, a cada ano que passa menos fruta vai tendo no pé, então a gente resolveu esse ano começar a podar pra ver se a gente consegue resgatar um pouco, por que tem muitos pés que são bem velhos ali assim, que a gente lembra da adolescência assim, então a gente resolveu fazer isso pra ver se a gente resgata a fruta né? (Carolina).

Além de comer no pé, né? Que é muito gostoso, fazer um grupo e ir direto comer no pé que é muito divertido né? Mas hoje nós podemos fazer, sorvete, a geleia, a chimia, a calda, faz um bolo que tá na época agora, Sorvete de butiá, sorvete de pitanga. O suco, que eu chego a guardar as polpas no congelador, no freezer que é para durar pro inverno. (Maristela).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo de frutas nativas (como se come, onde e com quem se come) contribuiu como texto para a leitura da formação da cultura da população da Fortaleza. Hoje, o consumo de frutas, assim como a Fortaleza, resiste para preservar a identidade da comunidade.

Podemos analisar, a partir deste estudo, as histórias do passado e de como mudou a paisagem e a vida na região. Atualmente, o monocultivo do pinus, e o início da plantação de soja, tomando conta deste local podem levar ao desaparecimento das frutas nativas, da fauna e da flora da região, da comunidade e do lugar. Contudo, vem despontando a vontade de resgatar, de plantar árvores frutíferas que existiam na região, como forma de preservar a paisagem, o ambiente, a cultura e a história do local. Como desdobramento da pesquisa, as frutas, que no início eram pano de fundo do trabalho, tornam-se algo que inspira ações futuras não só como forma de resgate, mas também de valorização desta comunidade que fica esquecida entre os moradores de Cidreira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. WANDERLEY, M. N. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, Norma. **¿UNA NUEVA RURALIDAD EN AMÉRICA LATINA?** Buenos Aires, 2001. Cap 2, p.31 – 44.
2. MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez; orgs. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection.
3. AMON, D. ; MENASCHE, R. **Comida como narrativa da memória social.** Sociedade e Cultura, v.11, n.1. 2008. pg 13 a 21.
4. BRASIL, Conselho Estadual do Idoso. **Os idosos do Rio Grande do Sul: estudo multidimensional de suas condições de vida: relatório de pesquisa.** Porto Alegre, 1997.
5. CARVALHO, D. M. et al. **Perspectivas dos jovens rurais : campo versus cidade.** Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 2009.
6. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira.** 2 ed, Brasília/DF, Ministério da Saúde, 2014.
7. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: plantas para o Futuro - Região Sul.** Brasília/DF, 2011.
8. SILVA, V. L. et.al. **Análise da Composição Nutricional de Frutos de Plantas Nativas da Região Sul do Brasil e formulação de receitas.** Em fase de elaboração. Porto Alegre, 2015.
9. PESCE, L. C. **Levantamento etnobotânico de plantas nativas e espontâneas no RS: conhecimento dos agricultores das feiras ecológicas de Porto Alegre.** 2011. 51f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Instituto de biociências, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
10. BAUMAN, Z. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 112p.
11. MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 406p.
12. BEAUD, S. ; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis: Vozes, 2007. 192p.
13. MORGAN, D. L. **Focus Groups as qualitative research.** 2 ed. Londres: A sage university paper, 1997. 80p.

14. TRAD, L. A. B. **Grupos focais: Conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Physis: revista de saúde coletiva, v. 19, n. 3, p. 777–796, Rio de Janeiro, 2009.
15. PIZZOL, S. J. S. **Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária.** Revista de Economia e Sociologia Rural, vol.42, no.3 Brasília, 2004.
16. WOORTMANN, K. **Com parentes não se negocia: o campesinato como ordem moral.** Anuário Antropológico. v. 87, p. 11-73. Brasília. 1990.
17. SABOURIN, E. **Sociedades e organizações camponesas: uma leitura através da reciprocidade.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. 272p.
18. CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo. FFLCH, 2007. 85p. 1 ed. Disponível em:
<http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>
19. CARNEIRO, M. J. **Ruralidade: novas identidades em construção.** *Estud.Soc.Agric*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.
20. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 932.

5.1 NORMAS DA REVISTA

Diretrizes para Autores

OBJETIVOS E POLÍTICA EDITORIAL

DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde tem por missão publicar debates, análises e resultados de investigações relevantes para o campo da Alimentação, Nutrição e Saúde.

CATEGORIAS DE TRABALHOS

EDITORIAL: Texto que expressa posicionamentos dos editores da revista.

ARTIGO DE DEBATE: Texto, preferencialmente de cunho conceitual, encomendado pelos editores, e que será debatido por cerca de cinco pesquisadores convidados. Os autores dos Artigos de Debate apresentarão considerações a partir do conjunto dos debates.

ARTIGO TEMÁTICO: Texto de revisão crítica ou correspondente a resultados de pesquisas de natureza empírica ou reflexão conceitual sobre o assunto em pauta em número temático. Números Temáticos podem ser propostos à Editoria, bastando a apresentação de um Termo de Referência explicitando a temática a ser abordada, artigos e respectivos autores que comporão o conjunto da obra e um cronograma de produção. É recomendável que o Número Temático proposto inclua um Artigo de Debate e os correspondentes debatedores.

TEMA LIVRE: Análise teórica e/ou metodológica ou texto derivado de pesquisas empíricas ou discussão conceitual sobre temas distintos daquele que identifica um determinado Número Temático da revista.

RESENHA: Análise crítica de livros ou outros tipos de publicações recentes e relacionados ao campo científico da Alimentação, Nutrição e Saúde.

ENTREVISTA: Diálogo com personalidades de destaque no campo científico da Alimentação, Nutrição e Saúde conduzidos a partir da Editoria.

TESES & DISSERTAÇÕES: Resumos de teses e dissertações concluídas no Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Recomendamos a leitura atenta das informações abaixo. Eventuais dificuldades na submissão *on line* ou dúvidas poderão ser encaminhadas através dos endereços eletrônicos demetra@uerj.br ou demetra.uerj@gmail.com.

Os conceitos e opiniões expressos nos artigos, bem como a exatidão e a procedência das citações são de exclusiva responsabilidade dos autores.

O artigo deve ser um trabalho original, e não ter sido publicado ou estar sendo avaliado para publicação em outra revista.

PREPARAÇÃO DO ORIGINAL

Os originais devem ser encaminhados exclusivamente à DEMETRA: Alimentação, Nutrição e Saúde. Serão recebidos originais em português, inglês ou espanhol.

Os textos devem ser digitados em Word, página tamanho A-4, margens de 2,5 cm, espaço duplo e fonte Arial tamanho 12.

Todas as páginas deverão estar numeradas, sendo a primeira a página de rosto.

PÁGINA DE ROSTO

- Deverá conter título completo do artigo indicando claramente o conteúdo central do estudo. Títulos em português ou espanhol devem apresentar também sua versão em inglês. Títulos em inglês devem apresentar também sua versão em português.
- Informar os nomes de todos os autores por extenso, endereço completo, incluindo endereço eletrônico e afiliação institucional principal (Exemplo: Departamento, Faculdade e Universidade, nesta ordem).
- Indicar o autor para troca de correspondências com a revista.
- Especificar a participação de cada autor na elaboração do original (Exemplo: AL Costa participou da concepção e da análise e interpretação dos dados; MJ Marques participou do desenho do estudo, da redação do artigo e da sua versão final; FDR Lopes trabalhou em todas as etapas desde a concepção do estudo até a revisão da versão final do artigo).
- Tendo em vista o crescimento no número de coautores em muitos artigos encaminhados a DEMETRA, **o número máximo de autores está limitado a seis.**

Somente com justificativas excepcionais e bem fundamentadas será aceito número maior de autores, o que deve ser aqui informado.

- Declarar a existência ou não de conflito de interesses de cada autor.
- Registrar agradecimentos a pessoas ou instituições, deixando bem claro que não se trata de autores ou financiadores.
- Se o trabalho foi subvencionado, indicar o agente financiador e respectivo número de processo.
- Identificar o tipo de trabalho submetido, assinalando com "x" uma das opções: () Estudo empírico () Ensaio ou abordagem conceitual
- Identificar a área de avaliação do trabalho assinalando com "x" uma das opções: () Nutrição e Epidemiologia () Políticas de Alimentação e Nutrição () Ciências Humanas e Sociais em Alimentação () Alimentação para Coletividades () Nutrição e Alimentos () Nutrição Clínica () Nutrição Básica () Nutrição Experimental () Nutrição, Atividade Física e Esportes
- A PÁGINA DE ROSTO deverá ser transferida como DOCUMENTO SUPLEMENTAR em arquivo específico e, portanto, em separado do Corpo de Texto Original.

CORPO DO TEXTO ORIGINAL

O Corpo do Texto Original (sem a Página de Rosto) deve conter título, resumo, palavras-chave, corpo do texto propriamente dito e referências.

Quando submetido em português ou em espanhol apresentará título, resumo, palavras-chave na língua original e em inglês.

Quando submetido em inglês deve ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em português.

Resumo

Deve ter entre 150 e 250 palavras, evitando o uso de abreviaturas e de citações.

Para estudos empíricos ou *surveys*, identificar as seguintes partes, tal como abaixo:

- Objetivos.
- Metodologia.
- Resultados e discussão.

- Conclusões.

Para ensaios, abordagens conceituais e outras similares, o resumo pode ser narrativo, tal como abaixo:

- Objeto do estudo ou problema em questão e fundamentos conceituais.
- Desenvolvimento da argumentação.
- Considerações finais.

É muito importante que o resumo seja bem elaborado e redigido com clareza.

Palavras-chave

Indicar no mínimo três e no máximo seis palavras-chave descritoras do conteúdo do trabalho utilizando os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), em português ou espanhol e em inglês. Devem suceder os resumos por idioma.

Corpo do Texto Original

Em estudos de cunho empírico ou *surveys* é frequente a divisão do texto em seções como *Introdução* (que inclui a justificativa e o objetivo do trabalho, sua importância, abrangência, lacunas, controvérsias e outros dados considerados relevantes pelo autor), *Metodologia* (deve conter descrição da população estudada e dados do instrumento de investigação; nos estudos envolvendo seres humanos deve haver referência à existência de um termo de consentimento livre e esclarecido apresentado aos participantes e à aprovação do Comitê de Ética da instituição onde o projeto foi desenvolvido), *Resultados* (devem ser apresentados de forma sintética e clara, e apresentar ilustrações elaboradas de forma a serem autoexplicativas e com análise estatística; evitar repetição de dados do texto), *Discussão* (deve explorar os resultados, apresentar a experiência pessoal do autor e outras observações já registradas na literatura; dificuldades metodológicas podem ser expostas nesta parte) e *Conclusões* (apresentar as conclusões relevantes face aos objetivos do trabalho, podendo haver indicação sobre formas de continuidade do estudo). É possível apresentar *Resultados e Discussão* juntos.

Também são admitidos textos com formatos narrativos diferenciados, como ensaios, por exemplo. Nesses casos, o autor tem liberdade para estabelecer a estrutura (título e subtítulos) de seu original.

Títulos ou subtítulos não devem ser numerados, podendo-se fazer uso de recursos gráficos (caixa alta, negrito, etc).

Ilustrações (figuras, quadros, tabelas e gráficos) devem ser apresentadas em separado, no final do texto, depois das referências do original com respectivos títulos, legendas e referências específicas. O número máximo de ilustrações é 6 (seis).

Ao longo do texto os autores devem indicar, com destaque, a localização de cada ilustração, todas devidamente numeradas.

As tabelas e os quadros devem ser elaborados em Word.

Os gráficos devem ser elaborados em Excel e os dados numéricos correspondentes devem ser enviados, de preferência, em separado no programa Word ou em outra planilha como texto, para facilitar o recurso de copiar e colar.

As figuras devem ser encaminhadas em JPEG ou TIFF.

Notas de rodapé: deverão ser restritas ao necessário e indicadas por letras sobrescritas (Ex. ^{a, b}).

ARTIGOS DE DEBATE devem ter, no máximo, 10.000 palavras; os textos dos debatedores e o correspondente às considerações dos autores sobre o conjunto dos debates devem ter, no máximo, de 4.000 palavras, cada um. Estão incluídos o texto original do artigo e as referências.

ARTIGOS TEMÁTICOS e TEMAS LIVRES devem ter, no máximo, 10.000 palavras. Estão incluídos o texto original do artigo e as referências.

RESENHAS devem ter, no máximo, 4.000 palavras. Estão incluídos o texto original da resenha e as referências. O autor da resenha deve encaminhar imagem eletrônica, com qualidade, da capa do livro resenhado.

ENTREVISTAS devem ter, no máximo, 4.000 palavras.

Referências

As referências seguem o estilo Vancouver. Devem ser numeradas consecutivamente de acordo com a ordem em que são citadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos, colocados após a pontuação, se houver.

Exemplo: ... Foi utilizado o questionário GTHR ⁶ ...

Para referência de mais de dois autores, no corpo do texto deve ser registrado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão *et al.*

Exemplo: ... De acordo com Marshall *et al* ¹³, as crianças...

As referências citadas somente nas ilustrações devem ser numeradas a partir do número da última referência citada no texto.

As referências citadas devem ser listadas ao final do artigo, em ordem numérica, seguindo as normas gerais dos *Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos* (<http://www.icmje.org>).

Nomes de pessoas, cidades e países devem ser citados na língua original da publicação.

Exemplos de referências encontram-se ao final destas “Diretrizes para Autores”.

ENSAIOS CLÍNICOS

A revista DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do *International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de pesquisas clínicas que tenham recebido um número de

identificação em um dos Registros de Ensaio Clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE. O número de identificação deverá ser registrado ao final do resumo.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. Arquivo contendo, exclusivamente, o CORPO DO TEXTO ORIGINAL (Título/ Title, Resumo/Abstract, Palavras chave/Key words, Texto, Referências e Ilustrações, quando houver, e demais elementos indicados no item 3.2. das Diretrizes para Autores) a ser transferido SEM IDENTIFICAÇÃO DOS AUTORES, inclusive nas “Propriedades do Word”.
2. Se houver Ilustrações (figuras, quadros, tabelas ou gráficos), estas devem ser inseridas ao final do arquivo acima, depois das Referências, uma em cada página e indicando, com destaque, a localização de cada uma delas no texto, todas devidamente numeradas.
3. Arquivo contendo, exclusivamente, a PÁGINA DE ROSTO, a ser transferido como DOCUMENTO SUPLEMENTAR, contendo TODOS os elementos indicados no item 3.1. das Diretrizes para Autores
4. Todos os autores deverão ser cadastrados.

Para cada um deles é necessário informar nome completo, afiliação institucional, endereço eletrônico, resumo da Biografia e TODOS OS DEMAIS CAMPOS do formulário eletrônico devem ser inteiramente preenchidos durante o processo de submissão do artigo.

Tendo em vista o crescimento no número de coautores em muitos artigos encaminhados a DEMETRA, **o número máximo de autores está limitado a seis** e somente com justificativas excepcionais será aceito número maior.

5. Arquivo contendo AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL transferido como DOCUMENTO SUPLEMENTAR.
6. Arquivo contendo documento comprovante da aprovação de Comitê de Ética, quando aplicável.